CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

PATRÍCIA OLIVEIRA RIBEIRO

A INFLUÊNCIA DA SUBJETIVIDADE E A EMOCIONALIDADE NO PROCESSO DO ADOECIMENTO PSICOSSOMÁTICO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso Psicologia do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília

Prof. Orientador: Fernando Luis Gonzales Rey

Brasília/DF, Junho de 2004

"A abordagem psicossomática é mais do que o que tem sido chamado a arte médica ou a atitude do médico para com seus pacientes, mais do que a influência magnética da personalidade do médico sobre o paciente, incutindo-lhe fé e confiança. Ela é baseada no conhecimento específico dos fatores emocionais que operam em cada caso e dos mecanismos fisiológicos por meio dos quais os fatores emocionais influenciam o processo de doença. Somente com este conhecimento, a psicoterapia pode ser inteligentemente coordenada com as medidas somáticas. A primeira condição básica é um conhecimento geral de patologia - tanto psicológica quanto somática[1]."

Franz Alexander

[1] (in: Medicina psicossomática: seus princípios e aplicações / Franz Alexander; Trad. Célia Beatriz Fischmann. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p.198).

Dedico:

À minha mãe (in memorian) cuja experiência e
sofrimento me conduziram ao estudo da
Psicologia .

AGRADECIMENTOS

Dizem que o trabalho de pesquisa é bastante solitário. Entretanto, o percurso que marcou a realidade desta monografia, ajudou-me a dar matéria àquela bela distinção de Rilke, entre o estar isolado e o estar solitário. São inúmeras as contribuições que recebi nesse caminho, e sem o apoio de todas essas pessoas, conhecidas ou anônimas, o tempo de pesquisa teria sido muito mais árido. Se em alguns momentos, procurei o isolamento para elaborar e redigir partes do texto, estes instantes nunca foram solitários, pois a presença de todos esses colaboradores, conscientes ou não, dialogava permanentemente comigo.

Este texto, procura abrigar esse emprego simultâneo de idéias, falas, discussões, relatos e observações. Certamente, o que mais me impulsionou nesse tempo, foi a busca de uma maior profundidade e intensidade na relação com todo esse universo de pessoas, sentimentos, sonhos e ações. Agradeço a todos.

Ao Professor e orientador Fernando Luis Gonzales Rey, pela oportunidade de vislumbrar um caminho, na Psicologia, com liberdade de pensar, criar e construir o próprio conhecimento, que nunca se esgota, mas se amplia ao se agregar cada possibilidade de conhecimento, que aos poucos, se transforma em saber .

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a fazer um estudo sobre a abordagem psicossomática, pesquisando as experiências emocionais relevantes associadas as doenças e os efeitos da subjetividade e da emocionalidade no processo de adoecimento. caracterizando o papel das emoções no distúrbio das doenças e relacionando a psicossomática e subjetividade. A pesquisa busca salientar a idéia de que a psicologia deve passar de uma epistemologia da resposta para uma epistemologia da construção, ou que pressupõe substituir o papel tradicional dos instrumentos por uma aproximação metodológica construtiva. A construção teórica é uma produção humana envolvida de forma permanente com a realidade. Considerando o objetivo deste estudo. O trabalho se constituiu em duas fases complementares: um momento teórico e um empírico. O momento empírico se caracteriza pela abordagem da Epistomologia Qualitativa, desenvolvida por Fernando González Rey (1997).

Palavras – Chave: Pesquisa qualitativa; Psicossomática; Subjetividade; Emoção.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO _____ *7*

2- PROBLEMAS E OBJETIVOS _____ *9*

2.1- Formulação e fundamentação do problema _____ *9*

2.2- Objetivos _____ *10*

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA _____ *11*

3.1-Histórico _____ *11*

3.2- Histórico da origem do tema subjetividade na psicologia _____ *16*

3.2.1- O Conceito de subjetividade social e seu significado para as diferentes esferas da psicologia _____ *17*

3.2.2-O Resgate da subjetividade _____ *20*

3.2.3-A pesquisa e o tema da subjetividade em educação _____ *23*

3.2.4- A emergência da subjetividade na psicologia _____ *25*

3.3- Emoção _____ *29*

4 - METODOLOGIA _____ *34*

4.1. A pesquisa qualitativa sob o ponto de vista de diferentes teóricos _____ *36*

4.2- Construção do sentido e pesquisa qualitativa _____ *39*

5-CONSTRUÇÃO E DISCUSSÃO DA INFORMAÇÃO _____ *41*

5.1- Estudo De Caso _____ *41*

5.2 – Conclusão do estudo de caso _____ *51*

6- CONCLUSÕES GERAIS _____ *53*

7- REFERÊNCIAS _____ *55*

1- INTRODUÇÃO

Este estudo assume fundamental relevância epistemológica contemporânea da temática em questão, assim como terá contribuições metodológicas para a consolidação de um enfoque clínico terapêutico sob a abordagem psicossomática, pesquisar as experiências emocionais relevantes associadas as doenças e os efeitos da subjetividade e da emocionalidade no processo de adoecimento. Atende-se a um plano programático de leituras, revisão bibliográfica, coleta de dados e discussões com o orientador.

Existe um fenômeno psique-soma no processo de adoecimento físico do ser humano, e seu estudo dentro de uma perspectiva moderna, a psicossomática, foi iniciado por Freud, a partir de seus estudos sobre a "histeria de conversão". No acontecimento histérico, o corpo relata, fala e descarrega, através do seu próprio adoecimento; é uma forma do organismo expressar os conflitos profundos.

Segundo Freire (2000), a palavra psicossomática, do grego *psyche* = alma e *soma* = corpo, é utilizada pela literatura médica desde 1922, como o estudo das relações entre as emoções e os males do corpo, definindo que mente e corpo são inseparáveis não só anatomicamente.

Para Ader (1981), a influência dos fatores psicossociais pode contribuir para o desenvolvimento ou retrocesso de algumas doenças, como por exemplo: o cancer. Situações de desequilíbrio provocam stress, que aumenta a susceptibilidade a doenças. A falta de habilidade do organismo em resgatar a homeostase após stress prolongado pode reduzir a competência do sistema imunológico. A vivência de stress prolongado como luto, separação, perda de emprego, podem ser imunossupressores. O estudo realizado por Srivastasa (1987), mostra que um maior número de pacientes com câncer, comparados com indivíduos controle, sofreram perdas ou distanciamento.

Através do estudo de um caso de câncer de mama, foi realizada uma investigação dos indícios da influência da emocionalidade e da subjetividade no processo de adoecimento.

A pesquisa propõe-se a tentar estabelecer uma reflexão sobre a teoria desenvolvida por González Rey , dificilmente encontraría pessoa mais qualificada que González Rey para esta difícil tarefa. Pois ele, de forma clara, concisa e aprofundada, nos oferece instigantes respostas a questões muito complexas como, por exemplo, qual o sentido de se falar hoje em psicologia social; o problema da validade na pesquisa qualitativa. São algumas das questões necessárias dentro desta pesquisa.

2- PROBLEMAS E OBJETIVOS

2.1- Formulação e fundamentação do problema

A Psicossomática tem fortes vetores holísticos, pois que se relaciona, simultaneamente, aos domínios orgânico e psíquico como por exemplo as perturbações ou lesões orgânicas que são produzidas por influências psíquicas (emoções, desejos, medo, etc.).

As mudanças estruturais psicológicas como as instabilidades emocionais alterando o soma, tem sido enfatizado nos estudos da psicossomática.

Dessa maneira esse estudo proporciona pensar a respeito das experiências emocionais relevantes associadas as doenças e os efeitos da emocionalidade, especialmente as principais modalidades de intervenção psicológica, em tratamento de câncer, de pacientes expostos a procedimentos médicos invasivos. Com o objetivo de investigar sobre a emocionalidade e subjetividade e sua possível influência no processo de adoecimento, com enfoque clínico terapêutico sob a abordagem psicossomática, foi realizado um estudo de caso, com uma paciente portadora de neoplasia maligna mamária.

Sendo a produção subjetivo cultural sugerida no contexto terapêutico, como um importante meio de comunicação e mediação no contexto relacional (paciente – terapeuta), com o processo terapêutico e consigo mesmo, permitindo o despertar e/ou resgate de sua capacidade criadora, possibilitando a concretização por meio de seus sentimentos, em suas criações, de seu próprio valor. Na qualificação de seu “estar no mundo” permitindo integrar o conteúdo emocional expresso em suas atividades, ao processo de construção de sua complexa rede subjetiva de significado e sentido.

Para atingir o objetivo proposto, será utilizado a Espistemologia Qualitativa, desenvolvida por González Rey (1997), como um modelo qualitativo explicativo da subjetividade individual e social.

2.2- Objetivos

- Este trabalho objetiva avaliar as repercussões e aspectos psicológicos relativos à influência da subjetividade e emoção no processo do adoecimento, através do estudo de um caso clínico de paciente com neoplasia malígna de mama.
- Pesquisar as características psicológicas de paciente com câncer.
- Analisar o impacto social que recai sobre o paciente com câncer.

A fim de atingir os objetivos propostos pelo presente trabalho, optou-se por realizar um estudo qualitativo, através da utilização de estudo de caso, o qual permitiu ao pesquisador, uma construção de conhecimento, um aprofundamento e uma ampliação de seu campo de análise.

A pesquisa propõe-se a tentar estabelecer uma reflexão sobre a teoria desenvolvida por González Rey, abordando o tema psicologia social; e o problema da validade na pesquisa qualitativa.

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1- Histórico

O termo psicossomática aparece historicamente com J. A. Heinroth, em 1818, referindo-se " às paixões sexuais na evolução da tuberculose, da epilepsia e do câncer" e, desde esta primeira aparição reconhecida historicamente, muitos autores tem usado a noção de psicossomático de diferentes maneiras, com sentidos e conotações diversas, tornando-a confusa tanto em seu uso médico quanto em seu uso psicanalítico. Foi no terreno da psicanálise, a partir das idéias de Sigmund Freud e Sándor Ferenczi, principalmente, que durante todo o desenvolver do século XX aconteceram os principais debates e as mais importantes contribuições ao estudo da psicossomática.

A relação do psíquico com o corporal aparece como uma preocupação e interesse permanente de Freud, em toda a sua obra, desde os Estudos Pré-psicanalíticos até seus últimos trabalhos. Sua atenção não ficou restrita ao sintoma ou funcionamento somente do psíquico, mas voltou-se insistentemente também para o corporal e o orgânico. A concepção das neuroses atuais (1898), aponta sua etiologia somática e não psíquica, diferentemente das psiconeuroses, aproximando as neuroses atuais do que se entende atualmente por desequilíbrio psicossomático.

Com outra inflexão, Freud utilizou a expressão *Organsprache* em O inconsciente (1915), que remete a um conceito extensivo ao longo de sua obra, desde os Estudos sobre a Histeria (1895) até o Esboço da Psicanálise (1938). A tradução inglesa optou por organ-speech , com evidente parentesco etimológico ao alemão. As duas traduções castelhanas do alemão optaram por lenguaje, enquanto a brasileira, traduzida da inglesa optou por fala de órgão.

Durante séculos e mesmo até Freud, admitia-se que as doenças eram causadas por agentes externos, com exceção dos males congênitos e hereditários.

O advento da psicanálise e sua progressiva aceitação revolucionaram esse conceito e introduziram um novo: o de que algumas doenças ou males do corpo constituíam uma mera expressão dos males do espírito, ou seja, provinham de dentro da pessoa.

No século vinte, o interesse pelos aspectos constitucionais, sociais e psicológicos de uma patologia foi relegado ao segundo plano, conseqüentemente, em parte, ao espetacular crescimento do conhecimento sobre a patologia celular e bacteriologia. A retomado do interesse pela abordagem psicossomática da medicina deu-se nas últimas décadas.

O termo Medicina Psicossomática universalizou-se e consagrou-se, embora a Organização Mundial de Saúde tenha recomendado que deveriam ser efetuados esforços no sentido de encarar a Medicina Psicossomática como, a maneira de que se deva exercer a Psiquiatria dentro do espaço médico e não reservar apenas a um número restrito de quadros a designação de psicossomático.

A postura psicossomática deriva-se da posição holística. O termo grego "holos" significa total e foi introduzido em medicina por Smuts em 1922. Este conceito tenta recuperar o que na antiga Grécia Hipócrates, Platão e Aristóteles consideravam a unidade indivisível do ser humano.

Desde a Grécia, passando pela Idade Média, até o século XVII, esta postura vai sendo deslocada pela dicotomia alma - corpo, em função de fatores principalmente de ordem religiosa. A dicotomia alcança seu ápice com Descartes que teve uma grande influência no pensamento médico. Descartes realizou uma distinção entre mente e corpo: "rés cogitans e rés extensa" . Esta postura, é a postura denominada dualista, e preconizava que a medicina deveria ocupar-se do

corpo que era simplesmente uma máquina a ser entendida e conservada. Por estas épocas, a psicologia não existia como ciência, e seu terreno pertencia à filosofia e, esta era subscrita à religião.

Os importantes avanços da Biologia com Virchow, Pasteur e Koch contribuem também para o reducionismo biológico. Em 1859, Claude Bernard, fisiologista francês lança o conceito de, meio interno, e enfatiza que a estabilidade deste meio é condição essencial para a vida, sendo a doença um distúrbio de regulação de seus mecanismos estabilizadores.

Em 1929, Cannon, desenvolve o conceito de Homeostase, dando assim a base fisiológica para a concepção holística, pois segundo este conceito, universalmente aceito, mas nem sempre levado em consideração, em todas suas implicações: "todo e qualquer estímulo, incluindo psicossocial, que perturba o funcionamento do organismo, o perturba como um todo.

Em 1936, Selye, inicia a demonstração através de psicofisiologia, que o organismo quando exposto a um esforço desencadeado por uma agressão seja ela de qualquer tipo, apresenta a tendência de responder de forma uniforme e inespecífica, a diferentes agentes que ele chama de estressores. E, chamou de " stress", o conjunto de reações inespecíficas que o organismo desenvolve frente a situações que exigem um esforço de adaptação. O termo foi retirado da Física. Em 1953, Cannon publica: " Bodily changes in pain, hunger, fear and rage". Esta obra enfatiza toda a importância da somatização das emoções.

Na atualidade, a Psicossomática, refere-se ao estudo da pessoa como ser histórico. Como, o homem que vivência o seu reumatismo e seus envolvimentos laborais, sociais, seu esquema corporal alterado, sua sexualidade perturbada, a mulher com sua infertilidade e a pressão social sobre sua gestação, o jovem com sua diabetes e que tem sua vida limitada por sucessivos fatores decorrentes de sua dieta, o hipertenso que não consegue aderir as suas pautas de tratamento, o impotente frente sua parceira sexual e sua ansiedade, etc.

Definição

Define-se classicamente por "psicossomático" todo distúrbio somático que comporta, em seu determinismo, um fator psicológico interveniente, não de modo contingente, como pode ocorrer em qualquer afecção, mas por uma contribuição essencial à gênese da doença (Jeammet, p. 205), Segundo Grinker, "é uma abordagem que engloba, em sua totalidade, processos integrados de transações entre diversos sistemas: somático, psíquico, social e cultural" Se refere a um conceito de processos entre os sistemas vivos e sua elaboração social e cultural (Haynal, Pasini, 1983), "Ainda mal entendido em sua caracterização a abordagem psicossomática não se trata de uma nova especialidade médica ou psicológica, mas de uma visão integrativa e enriquecedora do conhecimento profissional, além de constituir em paradigma de uma forma de pensar o ser humano e que privilegia a interação terapêutica profissional - cliente como meio facilitador da transição para a saúde" "Em todo ser vivo, aquilo que designamos como partes constituintes forma um todo inseparável, que só pode ser estruturado em conjunto pois a parte não permite reconhecer o todo, nem o conjunto deve ser reconhecido nas partes" (Goethe)

Proposta de visão menos dicotomizada do homem, ou seja, considera o homem como um todo: um ser dinâmico, que acontece num ambiente (natureza, sociedade, cultura.

Estudo das relações mente - corpo, com ênfase na explicação psicológica da patologia somática, uma proposta de assistência integral e uma transcrição para a linguagem psicológica dos sintomas corporais

Nessas concepções clássicas de psicossomática (entendida como a influência dos fatores psíquicos nos distúrbios físicos) observamos que não é levado em conta dois aspectos: a influência dos distúrbios físicos no estado psicológico da pessoa e o papel do meio externo, particularmente o meio social. Com relação ao primeiro desses aspectos, passou-se a falar em doença somatopsíquica, invertendo o fluxo da influência.

Não há como negar a influência que estado de saúde do corpo tem sobre o psiquismo da pessoa. Alguém que nasce com defeito qualquer (por exemplo uma doença do coração) certamente sofrerá efeitos psicológicos dessa situação. Desta forma, alguém, que sofra um infarto de miocárdio também sofrerá e muito, os reflexos emocionais e afetivos da doença. Nesse último caso, entretanto, houve influência recíproca, isto é, tanto houve influência do psiquismo na eclosão do infarto, como na ocorrência do infarto sobre o psiquismo.

Aceita essa interação recíproca, restaria ainda a questão: são mais influências de intensidade equivalente? A resposta mais lógica é: cada caso é um caso, haverá situações em que um fator prepondera sobre o outro. Ressalvadas as doenças congênitas e hereditárias, o fator psíquico prepondera, constituindo a gênese de quase todas, senão todas, as doenças adquiridas ao longo da vida. A aceitação dessa idéia, da psicogênese das doenças orgânicas, não exclui, no entanto, a influência recíproca do corpo sobre o psiquismo, embora subordinado a este.

Da mesma maneira, essa concepção não ignora o segundo aspecto a que fizemos referência acima: a influência do meio externo, principalmente social e cultural em que o indivíduo está inserido.

A integração no meio social e as relações que se consegue manter com outras pessoas são de fundamental importância para o bem estar físico e mental e para a saúde do ser humano. Desse modo a concepção mais recente e abrangente não fala mais em doença psicossomática ou somatopsíquica, mas sim em doença sócio somática, isto é, a saúde ou doença seria resultado da conjugação de fatores originados do corpo, da mente e da interação de ambos entre si e com o ambiente e o meio social. E no que acreditamos, nós psicossomatistas? Que o indivíduo deve ser visto como um todo. Seus aspectos mentais, biológicos, sociais e espirituais a influenciar-lhe o comportamento, aqui entendendo a compreensão de Freud sobre os aspectos religiosos como sendo de psicologia de grupo. Todos esses aspectos contribuindo para adoecê-lo ou

curá-lo, torná-lo feliz ou infeliz, fazer com que ame ou odeie, com que afague ou apedreje.

3.2- Histórico da origem do tema subjetividade na psicologia

Períodos da história da psicologia. Há formas mais simples e outras mais elaboradas de se distinguirem as fases na história da psicologia. Uma forma simples consistiria em considerar dois grandes períodos: o filosófico-especulativo e o científico. O primeiro tem raízes no pensamento grego e se estende até o final do século XIX ou princípio do XX, conforme o critério escolhido para delimitação do começo da psicologia científica.

Principais escolas de psicologia. Uma das maneiras de classificar as especialidades em que se dividiu a psicologia é segundo os conteúdos examinados por cada área. Assim, as principais disciplinas psicológicas seriam a psicologia da sensação, da percepção, da inteligência, da aprendizagem, da motivação, da emoção, da vontade e da personalidade. Outra divisão possível se faz segundo o critério de examinar esses mesmos conteúdos quanto a sua relação com o funcionamento do organismo (psicologia fisiológica); ou quanto a sua manifestação no decorrer da evolução (psicologia do desenvolvimento); ou quanto à comparação desses processos nos diversos graus de evolução animal pode esclarecer o comportamento humano (psicologia comparada); ou, ainda, quanto ao condicionamento que esses processos impõem à vida social do homem, ao mesmo tempo que as diversas formas da convivência social influem na manifestação concreta dos mesmos (psicologia social).

Tanto o estruturalismo quanto o behaviorismo clássico procuravam reduzir o estudo da psicologia ao estudo dos elementos do comportamento. Contra essa dissecação da vida psíquica insurgiu-se a corrente fundada por Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler, chamada psicologia da forma ou Gestaltpsychologie. Partindo da investigação das percepções, os gestaltistas formularam o princípio segundo o qual o conjunto dos fenômenos psíquicos apresenta características que não podem ser inferidas das partes isoladamente.

Muitos psicólogos europeus como Max Scheler, Frederick J. Buytendijk e Maurice Merleau-Ponty seguem a corrente fenomenológica, cujos caminhos foram explorados por Franz Brentano e Edmund Husserl já no século XIX. A fenomenologia em psicologia consiste em captar a vivência do outro diretamente no comportamento onde está incluída a significação do ato. Portanto, os psicólogos devem analisar tal comportamento sem procurar "atrás" dele o fenômeno psíquico, mas tentando descobri-lo no próprio fenômeno, pois o mundo fenomenal pode ser analisado diretamente, por ser um dado tão imediato quanto o "eu".

A noção de código é uma importante idéia na Psicologia Cognitiva; um código é um sistema de sinais usado para representar letras ou números na transmissão de mensagens. Nosso sistema nervoso parece fazer o seguinte: a estimulação física é representada pela atividade do sistema nervoso de uma forma que preserva algumas das características do estimulo original. A transformação do estímulo físico produz mais que um código neural, pois que a transformação também resulta na criação de um código cognitivo. Os códigos cognitivos são criados pela atividade de nosso sistema nervoso, isto é, a transformação da energia física que é potencialmente capaz de inscrever-se em nossa consciência tornando-se um acontecimento mental.

3.2.1- O Conceito de subjetividade social e seu significado para as diferentes esferas da psicologia

O conceito de subjetividade social foi introduzido em um momento histórico de busca, contradição e auge da psicologia latino-americana, que se caracterizou pela tentativa de estabelecer uma psicologia própria, comprometida com a vida e as práticas sociais em nossos países (década de 1980), o que acentuou a ênfase na psicologia social. Nesse esforço entravam em contradição os diferentes marcos teóricos dentro dos quais se tinham formado seus protagonistas, o que se evidenciava tanto nas publicações daquele momento como nas apresentações nos congressos, (Rey 1997).

O funcionalismo influenciou muito as preocupações da psicologia com as questões da educação e da adaptação social do homem, para o que contribuiu com o desenvolvimento de práticas profissionais na vida social, criando as condições para um rápido desenvolvimento da psicologia como profissão, para o que não estava preparada a psicologia acadêmica.

O funcionalismo libderado por Dewey era uma das formas do pragmatismo norte-americano, que teve em James, Dewey, Peirce e Mead seus principais expoentes.

O funcionalismo influenciou muito as preocupações da psicologia com as questões da educação e da adaptação social do homem, para o que contribuiu com o desenvolvimento de práticas profissionais na vida social, criando as condições para um rápido desenvolvimento da psicologia como profissão, para o que não estava preparada a psicologia acadêmica.

O funcionalismo libderado por Dewey era uma das formas do pragmatismo norte-americano, que teve em James, Dewey, Peirce e Mead seus principais expoentes.

A subjetividade traz consigo uma concepção de sujeito afetivo e ao sujeito cognoscente: o primeiro, é visto como o terreno das emoções e dos desejos, do irracional e do incontrolável, enfim do sentimento; enquanto que o segundo, trata da razão e do controlável, da materialidade e da objetividade, enfim do que tem sido formalmente definido como pensamento.

Concordo com Rey, 2002,p. 39, quando afirma que “o termo configuração permite a diferenciação qualitativa dos processos psíquicos singulares, pois se põe à forte tendência do pensamento picológico fundamental da epistomologia quantitativa de encontrar definições universais que permitem diferenciar padões”. Definição que respeita o ser humano em toda sua complexidade.

A psicanálise surge, portanto, colocando em questão a própria essência do estatuto do “sujeito pensante” presente no conjunto do pensamento filosófico

moderno. Em razão disso Paul Ricouer situa Freud nas mesmas paragens que Nietzsche e Marx dizendo: “Os três se levantam como protagonistas da suspeita, como os desvendadores de máscaras. Nasceu um novo problema: o da mentira da consciência, da consciência como mentira.” (apud JAPIASSU, 1989: p. 65).

Segundo Rey, 1997:

> A subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento.

Ainda para Maria Baró 1989:

> “ A identidade pessoal é ao mesmo tempo produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo. Se chega a esta consequência como resultado da compreensão da pessoa humana como um ser de história: a identidade pessoal se forma na confluência de uma série de forças sociais que operam sobre o indivíduo e diante das quais o indivíduo atua e se faz a si mesmo, Ao atuar, o individuo gera uma realidade e a conhece como tal, porém por sua vez a ação se torna possível pelas forças sociais que se renovam no individuo”. Pág.123[2]

Observa-se como Martín Baró compreende a dialética entre o individual e o social, aspecto muito presente em trabalhos da época.

Rey 2003, afirma que ao introduzir a categoria de subjetividade social tinha a intenção de romper com a idéia arraigada nos psicólogos, de que a subjetividade é um fenômeno individual, e apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social individual, endependentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social.

Cohen 1994, *“Não há oposição essencial entre a consideração do simesmo e a descrição e análise das relações sociais; é mais, podemos afirmar*

[2] REY apud Maria Baró, 2003.

*totalmente o contrário. No passado, nossa preocupação com os grupos e categorias, isto é, com as bases e as relações sociais, tem ignorado a dimensão do si mesmo e a consciência de si, e pode, assim, estar relacionada como tendo um vínculo com entidades falsas."(*pág.7). Cohen, partindo do conceito de sí mesmo , expõe uma das questões essenciais que Gonzalez Rey tentou desenvolver a partir do conceito de subjetidade social: a integração complexa e contraditória entre indivíduo e sociedade.

Vigotsky em sua obra sempre explicitou um corpo conceitual próprio para definir as emoções, as quais relacionou com categorias como necessidades, motivos e personalidade. Para Rey 2003, uma condição simbólica não é suficiente para desencadear uma emoção. Para o autor as emoções constituem um processo de ativação somática.

Drier (1999): *"Posto que as estruturas pessoais de relevância variam conforme os sujeitos, os mesmos se deslocam pelos contextos, mudando com isso a estrutura particular de condições sociais, desde as mais estreitas e mais significativas até as mais amplas e mais indiretas, somente permaneceria igual se o sujeito permanecesse em uma posição fixa. Porém, tão pronto se movesse a outros contextos, a matriz voltaria a desenhar-se novamente*"(pág.34).

Isto que é chamado por Drier de estruturas pessoais de relevância é o que Gonzales Rey 2003, em seus trabalhos, chama de configuração subjetiva.

3.2.2- O Resgate da subjetividade

Um fundamento que permitiu considerar a ciência como um conhecimento confiável e preciso do real foi a exclusão da subjetividade (Gonzalez-Rey, 1997; Morin, 1983, 1996a; Neubern, 1999, 2000; Santos, 1987). Colocando-se como tarefa impessoal e coletiva, o empreendimento científico buscava eliminar nos sujeitos, fossem pesquisadores, fossem objetos de estudo, tudo o que constituísse ameaça ou fonte de erro, por meio de noções generalistas e universais ou ainda pela vulgata dos contextos de experimentação.

Esse processo de exclusão da subjetividade abrangeu intensamente os diversos ramos do conhecimento, vindo a se estabelecer como um dos principais eixos do paradigma dominante sob a forma de uma grande divisão (Morin, 1998; Santos, 1987, 1989). Um lado dessa divisão era o universo da objetividade, regido por leis que permitissem a previsão e o controle. A linguagem era essencialmente técnica e prosaica e contava com o recurso inestimável da matemática, cuja lógica quantitativa oferecia maior precisão e segurança à empresa científica. Trata-se do lado onde a física reinava como modelo de ciência apontando um conjunto de procedimentos a serem seguidos por todas as demais, o que leva a química a divorciar-se da alquimia, a astronomia da astrologia e a medicina a expulsar de seu seio todos os representantes estranhos às pretensões científicas, como o mesmerismo e os magnetizadores do século XVIII. O mundo dos objetos, ícone de uma realidade estática e a-histórica, concentrou-se inicialmente sobre o movimento e as propriedades dos corpos, as reações químicas, as rotas planetárias, dentre outros.

Do outro lado do abismo, achava-se o reino da subjetividade cuja linguagem permitia o senso poético e estético, o pensamento qualitativo e a reflexão filosófica. Encontravam-se lá diversas disciplinas que ocupavam um patamar inferior à racionalidade científica, posto não serem capazes de um retrato fiel da realidade. O direito, a filosofia, a teologia, a literatura e o senso comum poderiam abordar as relações humanas, Deus, a alma, o amor, a sociedade, a produção literária, enfim, objetos cujo teor subjetivo não poderia permiti-los pertencerem aos interesses científicos.

Esse macrocontexto clivado é o que permite considerar que a psicologia, como boa parte das ciências humanas, nasce, desenvolve-se e se estabelece em crise, pois suas pretensões de se constituir como ciência e sua busca de objetos de estudo no reino da subjetividade consistiu na árdua tentativa de união de dois universos irreconciliáveis pela própria organização disjuntiva do paradigma dominante (Neubern, 1999, 2000, 2001a, 2001b). Desse modo, o estabelecimento de um saber confiável, embora nunca por inteiro, implicou em preços altos a

serem pagos sob a forma de uma dupla exclusão dos processos subjetivos. Por um lado, as interdições à própria subjetividade do pesquisador, fosse na construção teórica ou na ação metodológica, romperam com as diversas possibilidades de interação presentes no cenário da investigação psicológica. Toda a dimensão subjetiva própria de tais contextos assume um *status* intrinsecamente marginal, de modo que as tentativas de qualificá-las como momentos integrantes da pesquisa, como no caso dos métodos clínicos, passam a ser concebidas como propostas muitos específicas de tais contextos, desprovidas de confiabilidade de poder de generalização (Gonzalez-Rey, 1997).

Por outro lado, as exigências impostas para a realização da empresa científica implicaram em um processo de múltiplas disjunções e reduções sobre os objetos de estudo. O caso das emoções é bastante ilustrativo neste sentido (Despret, 1999; Gonzalez-Rey, 1997; Neubern, 2000, 2001b). Um processo complexo, marcado por múltiplas articulações com os sistemas internos do sujeito ou com seus sistemas sociais, passa por um conjunto de procedimentos que o atomizam, isolando-o de suas conexões e momentos históricos, o esgotam em outra dimensão (como a biologia ou a linguagem) ou o relacionam isomorficamente com números ou respostas comportamentais, desconsiderando as propriedades auto-reguladoras dos processos subjetivos que integra. Tal descaracterização dos objetos de estudo contava ainda com uma associação arbitrária a conteúdos *a priori* e universais que freqüentemente faziam mais sentido ao corpo teórico do que aos cenários próprios dos sujeitos. No entanto, determinados objetos de estudo poderiam ainda sofrer intensa marginalização, colocando-se como terrenos proibidos ou míticos para a investigação científica. Tal parece ser o caso da hipnose (Chertok, 1998; Despret, 1999) que, por diversos motivos e apesar dos esforços delineados em sua pesquisa (Erickson, 1939, 1967; Erickson, Hershman & Secter, 1998; Erickson & cols., 1976; Rossi, 1997) ainda se encontra cercada por mitos e preconceitos e não consiste em unanimidade para a comunidade científica.

Finalmente, cabe ressaltar que semelhante resgate da subjetividade coloca problemas de difícil abordagem no atual panorama científico. O fato de iniciar a criação de espaços epistemológicos para o sujeito cotidiano, livre das amarras das superestruturas inconscientes e sociais, pronto para viver seus próprios dramas em seus cenários sociais, ao invés de viver os dramas de Édipo em seu cenário teórico e artificial, remetem à um confronto direto quanto a um conjunto de noções e mecanismos do paradigma dominante para quem a subjetividade constituiu, nos últimos séculos, uma terrível ameaça. Entretanto, esse confronto parece inevitável. O próprio homem começa a se perguntar no seio do cenário científico sobre suas origens, sua condição existencial (Neubern, 2000) e o para que se faz ciência (Santos, 1989).

3.2.3- A pesquisa e o tema da subjetividade em educação

Fernando Luis González Rey[3]

A subjetividade representa um macroconceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo , que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macroconceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas, que em suas próprias dinâmicas modificam sua autorganização, o que conduz de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de autorganização, as quais estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual.

A subjetividade social e individual atuam na qualidade de constituintes e constituídos do outro e pelo outro. Isto conduz a uma

[3] (UniCEUB e pesquisador associado da UNB). http://www.google.com.br Acesso 12/03/2004

representação do indivíduo na qual, a condição e o momento atual de sua ação, expressa o tempo todo sentidos subjetivos procedentes de áreas diferentes de sua experiência social , as que passam a se constituir como elementos de sentido de sua expressão atual. Assim, desde esta perspetiva, o sujeito que aprende expressa a subjetividade social dos diferentes espaços sociais em que vive no processo de aprender. Nenhuma atividade humana resulta uma atividade isolada do conjunto de sentidos que caraterizam o mundo histórico e social da pessoa .

O impacto que o anterior tem para a educação e muito grande, porque vai a influenciar mudanças na teoria, a metodologia e as práticas educativas. A sala de aulas não é simplesmente um cenario relacionado com os processos de ensinar e aprender, nela aparecem como constituintes de todas as atividade ai desenvolvidas, elementos de sentido e significação procedentes de outras “zonas” da experiência social , tanto de alunos quanto de professores. Na sala de aulas se geram novos sentidos e significados que são inseparáveis das historias das pessoas envolvidas, assim como da subjetividade social da escola, na qual aparecem elementos de outros espaços da própria subjetividade social.

Esta representação da educação apresenta a escola numa relação inseparável com a sociedade como um todo , assim como inseparável das historias singulares de seus protagonistas, o qual é outra expressão das subjetividade social, que aparece diferenciada nas historias individuais. Desde esta perspetiva as funções da escola deixam de aparecer como processos isolados e fragmentados, para aparecer como momentos de sistemas mais complexos, dentro dos quais se constituem em sua significação e sentido. O aluno na escola não expressa só sua condição escolar, mas sua condição social em geral, de ai a importância da ponte entre a psicologia social e educativa que se vem apresentando na literatura (González Rey (1997), Duveen.G (2000)) O transito entre a educação e outras formas de conhecimento social e possível só sem compreendemos uma ontologia da psique humana que nos permita explicar o transito permanente de diferentes sentidos sociais nos momentos atuais dos sujeitos e dos cenários educativos.

3.2.4- A emergência da subjetividade na psicologia

A psicologia não consegue integrar seus esforços de ordem teórica com sua pretensão cientifica, trazendo uma divisão a mais, entre as tantas que têm caracterizado o desenvolvimento do pensamento psicológico.

Segundo González Rey, (2004, p.70):

> "A maioria dos grandes sistemas psicológicos constituídos em escolas apareceu por intermédio do modelo desenvolvido a parti da prática clínica, como em algumas teorias. Sem dúvida, nenhuma dessas escolas se constituiu de forma intencional em campo de investigação.[4]

O desenvolvimento da subjetividade, não responde a uma simples preferência teórica, mas sim à tentativa de reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, especifica do tipo de organização e processos que o caracterizam.

González Rey, (2004 p. 73) afirma que[5]:

> "As condições epistomológicas para o desenvolvimento do tema da subjetidade na psicologia aparecem com a ruptura que significou a apropriação da dialética, pelos psicólogos, a qual se produziu também em condições sociais muito particulares para a produção do conhecimento, como forma, mais concretamente, as condições geradas pela Revolução Russa. A apropriação de um paradigma filosófico que na psicologia não tinha encontrado uma expressão concreta e a significação social de um processo revolucionário foram, sem dúvida, duas condições que se conjugaram na profunda revisão crítica que os psicólogos soviéticos começaram a realizar em torno do próprio desenvolvimento da psicologia russa."

O desafio de apresentar a psique a partir de uma visão cultural despojando-a do caráter determinista e essencialista, que acompanhou a grande maioria de teorias psicológicas, conduz a uma representação da psique em uma

[4]González Rey. Sujeito e Subjetidad: Uma Aproximação Histórico-Cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learnina, 2004. P. 70

[5] González Rey. 2004. Ibidem

nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico, à qual tem-se optado pelo conceito de subjetividade.

"A subjetividade é um sistema complexo de sigificações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo do seu desenvolvimento (..) com dois momentos essenciais na constituição da subjetividade individual e social, os quais se pressupóem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento. A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividade social e, simultaneamente, se constítui nela" (Rey, 2002, p. 36-37)[6].

Segundo Morin (1991/1998), os paradigmas, inscrevendo-se no núcleo dos sistemas de idéias, determinam a formação de idéias chaves e conceitos mestres, como também as regras e formas de associação entre elas. Constituindo-se em um momento central do conhecimento, o paradigma se faz invisível e inatacável diretamente, favorecendo uma visão da realidade que é tomada como certa e, ao mesmo tempo, ocultando-se enquanto momento central e determinante. Toda essa forma complexa e, segundo certos autores (Morin, 1991/1998; Santos, 1987), obscura e poderosa de influência do paradigma na construção do conhecimento ganhou no ocidente uma característica singular: a partir do Cogito de Descartes culminou-se uma tendência da época em se estabelecer uma rígida divisão entre o que seria ciência e o que não seria, como entre o que competiria à sua alçada e o que deveria ser colocado como objeto de especulação em outros campos de estudo. Dessa forma, de um lado da divisão

[6] O conceito de subjetividade aqui adotado nesta pesquisa é tomado de Gonzalez Rey (1997) e consiste em: "... es la constitución de la psiquis en el sujeto individual, e integra tambien los procesos y estados característicos a este sujeito en cada uno de sus momentos de acción social, los quales son inseparables del sentido subjetivo que dichos momentos tendrán para él. Simultáneamente la subjetividad se expresa a nível social como constituyente de la vida social, momento que hemos designado como subjetividad social, y no se diferencia de la individual por su origen sino por el escenario de su constitución." (p. 83)

estabeleceu-se o conhecimento científico tido como um conhecimento superior que era capaz de permitir avanços até então inimagináveis de controle do homem sobre a natureza, colocando-o como senhor desta (Santos, 1987).

Segundo Rey, (2002, p.38-39), “o sistema subjetivo é um sistema aberto, abrangente e irregular, que influencia as diversas experiências humanas no processo de subjetivação”. Sendo a subjetividade utilizada para denominar o sistema dos processos que caracterizam a construções subjetivas do sujeito, enquanto criador de significados.

Assim, “ a subjetividade conduz a um conceito diferente de psiquismo, que impede sua codificação em categorias rígidas e imutáveis ou em entidades objetivas suscetíveis de mediação, manipulação e controle” Rey, 2002, p.39). Com uma caracteristica marcante de flexibilidade, a qual permite uma liberdade de expressão.

> “O termo configuração permite a diferenciação qualitativa dos processos psíquicos singulares, pois se põe à forte tendência do pensamento psicológico fundamental da epistomologia padrões responsáveis por um ou por outra forma de expressão humana, como a diferencição dos alunos que aprendem bem dos que fracassam ou das pessoas criativas das que não são” (Rey, 2002, p.39).

Tal definição respeita o ser humano em toda sua complexidade de processos subjetivos e sua particularidade de expressão de conteúdos emocionais, possibilitando um desenvolvimento personalizado e próprio para pessoa em todos seus momentos de construção subjetiva.

Ao introduzir a categoria de subjetividade social tinha a intenção de romper com a idéia arraigada nos psicólogos, de que a subjetividade é um fenômeno individual, e apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância

social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual.

A subjetividade individual é determinada socialmente, porém num processo que integra simultaneamente as instâncias social e individual da subjetividade. E ao mesmo tempo que o indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social, constitui-se nela (Rey, 2002).

“A subjetividade, tanto individual como social, está em desenvolvimento constante e é afetada pelas condições em que o sujeito se expressa” (Rey, 2002, p.40). Tais condições permitem uma flexibilidade ao sistema subjetivo do sujeito, possibilitando a indeterminação de seus processos de construção subjetivos, ampliando suas formas de expressão emocional, enquanto sujeito produtor e produtor de subjetividade.

Da perspectiva da subjetividade social, os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivídualismos, ou como um bloco de determinantes consolidados, que adquirem o status do “objetivo” diante do subjetivo individual, para serem vistos como processos implicados dentro da de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente, constituído. Entretanto, a constituição do indivíduo dentro da subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente constituído.

Desse modo, as ciências humanas e a própria psicologia parecem encontrar um considerável dilema desde o início de seus nascimentos enquanto ciências: visam estudar objetos de estudos ligados a processos sociais e subjetivos (como as emoções) que se encontram em um eixo da divisão do paradigma ao mesmo tempo em que aspiram se constituírem de acordo com os procedimentos confiáveis e válidos do conhecimento científico, localizado no eixo oposto de tal divisão. A própria questão epistemológica do conhecimento do real parece agravar ainda mais o dilema ao determinar um conjunto de noções

específicas para tal conhecimento. Semelhante questão sustenta que a realidade é fixa, ordenada e a-histórica e se organiza em torno de leis invisíveis e universais (Gonzalez Rey, 1997; Vasconcellos, 1995) que, uma vez conhecidas, podem permitir a previsão e o controle dos fenômenos. A complexidade é compreendida como uma aparência do real (Morin, 1990/1996); mais que isso todo esse conjunto de aspectos interligados - as condições iniciais - devem ser desprezadas para que se apreendam os mecanismos invariáveis dessas leis (Santos, 1987). Desse modo, desde que se possua uma metodologia adequada aliada a uma teorização coerente com as exigências científicas, pode-se depurar o conhecimento afastando dele tudo aquilo que é ambíguo, contraditório e imprevisível, para se chegar a um conhecimento direto e isomórfico do real (Gergen, 1996; Gonzalez Rey, 1997).

3.3- Emoção

Emoção é um termo cujo significado tem sido estudado e discutido há mais de um século. São várias as opiniões que se tem sobre emoção, se procurarmos em um dicionário, poderemos encontrar mais de 400 palavras tentando traduzir ou ilustrar o que é emoção.

Todos os tipos de emoção sejam elas positivas ou negativas comprometem nosso organismo. esse comprometimento pode variar de um grau maior ou menor de interferência, de acordo com o organismo de cada um[7].

Rey apud Satre, 1987[8] escreve:

> "(...) a emoção significa à sua maneira o todo da consciência ou, se nos situamos no plano existencial, da realidade humana. A emoção não é um acidente, porque a realidade humana não é uma soma de fatos: expressa com um aspecto definido a totalidade sintética humana mesma

[7] MARIA, C. Psicologia Científica Geral. Rio de Janeiro.Editora Agir, 1972, 7ª edição, pp.251

[8] Ver mais em GIORA, Regina Célia. Arqueologia das emoções/Regina Célia Giora, Fernando Gonzalez Rey, Ana Maria Lewnzoni; Silvia T. Maurer Lane e Yara Araújo (orgs.);prefácio de Pedrinho Guareschi.-Petrópolis, RJ: VOZES, 1999.p.29.

> realizando-se sob a forma de " emoção". Resulta, pois impossível considerar a emoção como uma desordem psicofisiológica. Possui sua essência, suas estruturas particulares, suas leis de manifestação, sua significação" (p.29).

Segundo Rey (1999), a citação de Sartre "contém um conjunto de considerações gerais que, na minha opinião, são de grande importância para o desenvolvimento do tema na psicologia.

A perspectiva cognitivista enfatiza o papel do pensamento na gênese da emoção e persegue o caminho os indivíduos estimam os eventos no ou do meio ambiente. Avaliação ou estimativa se refere ao processo de julgamento de significância individual de um evento. Foi claramente demonstrado que as emoções dependem do modo crucial de como os eventos são avaliados por uma pessoa. Emoções são respostas ao significado dos eventos e estão vinculados com os objetivos e motivações da pessoa. Mais especificamente, diferentes emoções são associadas com diferentes padrões de estimativas. Existe atualmente um considerável corpo de pesquisas demonstrando que emoções podem ser preditas a partir da forma que uma pessoa avaliou uma situação, com diferentes emoções associadas com diferentes padrões de avaliações. Mudando-se o modo como um evento é avaliado e mudará a emoção experienciada. Os achados dos estudos cognitivos da emoção tem importância téorica muito importante, mas também por suas implicações práticas para a psicoterapia.

As teorias que englobam a tradição socioconstrutivista afirmam as emoções, como construções sociais que servem aos fins individuais e sociais. Isto é, os socioconstrutivistas mostram que o modo que falamos das emoções (o modo como as definimos, os modos como se diferenciam em nossa linguagem e nas práticas sociais, as metáforas usadas para emoções e para as experiências emocionais) ajudam na determinação de como experienciamos as emoções. A idéia central é que as experiências e as expressões das emoções são dependentes de regras ou convenções aprendidas e que as culturas diferem no

modo como se fala e como se conceitua emoções, como elas são diferenciadas e expressas.

Segundo professora. MSc Magda Bercht e a doutora Rosa Maria Viccari[9], emoções são fenômenos complexos multifacetados. Esta expressão é a única com a qual todos os cientistas de emoções e psicólogos concordam. Porém, para responder esta questão completamente, a resposta dependerá de quem responde e de quando você está perguntando.

Se alguém vive sozinho, sem influência, nada aprenderá. A humanidade só existe porque houve um processo de mediação ao longo da sua história. Isso nos remete à afirmação de Voloshinov (*apud* Barkhust, 1992*)*, pensador soviético: "o indivíduo não nasce consciente, mas deve a sua consciência a um segundo nascimento, um nascimento social".

A teoria das emoções ocupa lugar de alicerce na obra de Vygotsky, (1925-1927)[10], tanto da crítica arrasadora que faz às teorias da época, quanto da Psicologia Geral que empenha-se em criar. O que ocorre é que a teoria das emoções é uma parte de sua obra pouco explorada pelos seus estudiosos, influenciados, talvez, pelo racionalismo. É preciso ter claro que, ao teorizar sobre emoção, ele não está preocupado em aprimorar um conceito do psiquismo ou em conhecer formas para controlá-la, mas em rever a metodologia e superar a epistemologia dualista da Psicologia, que separa mente de corpo e intelecto de emoção. Este objetivo está bem explicitado nos textos "Significado Histórico da Crise da Psicologia"de 1927 e "Psicologia da Arte" de 1925.

A preocupação de Vygotsky com as emoções faz parte da sua intenção de provocar uma revolução ontológica e epistemológica na Psicologia da época,

[9] Texto motivador para discussão no painel. Elaborado por: Profa. MSc Magda Bercht e Dra Rosa Maria Viccari. Emoções e Afetividade. Instituto de Informática PósGraduação Ciência Da Computação - UFRGS

[10] Vygotsky "Significado Histórico da Crise da Psicologia"de 1927 e "Psicologia da Arte" de 1925.

criando uma Psicologia Geral capaz de superar as cisões provocadas pela teorias dominantes, abrindo-as ao diálogo para que substituíssem a causalidade monista pela dialética. Este objetivo explica por que suas reflexões sobre emoção estão espalhadas em toda sua obra. Elas compõem o subtexto de suas reflexões mais importantes como: significado, educação, linguagem, pedologia e defectologia.

A não compreensão dessa relação constitui um dos obstáculos à compreensão da importância das emoções na obra de Vygotsky.

Outra constatação relevante desse pesquisador foi que a imitação infantil não é uma reprodução mecânica do que foi percebido, mas sim uma interpretação de fatos significativos (onde as emoções participam ativamente), gerando representações mentais e socias.

O desenvolvimento da imaginação, segundo esse autor, está intimamente relacionado com a aquisição da linguagem, caracterizando-se como uma função psicológica superior que irá permitir a construção da memória, que incorpora o passado ao presente.

Vygotsky ressalta também o caráter emocional da imaginação, ao afirmar:

> "Se analisamos, finalmente, o vínculo de ambos os processos, imaginação e pensamento, com a afetividade e a participação dos processos emocionais nos pensamentos, veremos que tanto a imaginação como o pensamento realista podem caracterizar-se por uma elevadíssima emocionabilidade e que entre eles não existe contradição" (1990, p.436).

A criatividade não se restringe apenas à elaboração de obras de arte, mas se expressa também na própria identidade. Ela é a capacidade do ser humano de se recriar, de se transformar, em oposição à cristalização característica da mesmice, conseqüência da reprodução mecânica dos papéis definidos oelas instituições sociais; esses últimos tornam-se indivíduos submissos a um poder camuflado em capital anônimo internacional, hoje denominado de globalização.

Domênico De Masi, em A emoção e a regra, ressalta a relevância que a arte terá no próximo milênio, pois para ele a estética é que ajuda o indivíduo a dar significado às coisas mais simples. A sociedade pós-industrial, diz o autor, vai requerer indivíduos cada vez mais criativos, pois as máquinas que estão substituindo o trabalho humano, tanto físico como intelectual, não são capazes de criar. Pessoas criativas que geram a riqueza e o poder de uma nação.

Segundo Freud, não existe nada na imaginação do artista que também não esteja presente na imaginação do homem comum.O conteúdo responsável pela criatividade do artista (ou seja, suas fantasias), capaz de nos emocionar e causar fortes sensações, brota diretamente do seu incosciente, e isso que nos seduz, (González Rey et al, 1999).

4 - METODOLOGIA

O trabalho de observação apoiou-se na epistemologia qualitativa, e assumiu o conceito de subjetividade segundo Rey (1997), para quem toda subjetividade é social, expressando-se nos processos simbólicos mediados pela razão e nas estruturas não comprometidas com o simbólico, dentre elas a emoção. A subjetividade constitui-se, manifesta-se e transforma-se na relação dialética do indivíduo com o meio social.

De acordo com (Japiassu e Marcondes, 1989, p. 167), a metodologia é "ciência ou estudo dos métodos. Uma investigação sobre os métodos empregados nas diferentes ciências, seus fundamentos e validade, e sua relação com as teorias cientificas". A fim de se atingir como todo o objetivo da pesquisa, constitui num conjunto de etapas ou procedimentos a serem seguidos.

A Epistomologia, segundo Japiassu e Marcondes (1989, p.82-83) define-se:

> "como a disciplina que toma por objeteto não mais a ciência feita, uma ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva".

Com isso, o processo de produção de conhecimento, o instrumento e a técnica utilizada na investigação cientifica são qualitativos.

Com base na perspectiva epistemológica qualitativa, os modelos teóricos não têm uma influência unilateral sobre a investigação, sendo a teoria apenas um momento inicial deste trabalho. O empírico, antes de pretender confirmar ou rejeitar a teoria, se constitui a parti desta, como gerador de um espaço dialógico com a teoria que, então, passa a ser vista antes como processo do que apenas como uma estrutura a priori a ser julgada pelo momento empírico. Segundo Rey (2002):

> “Não consideramos a teoria como um corpo rígidoe, a priori, adotado de forma confortável pelo pesquisador e imposto às mais diversas formas do real. A teoria é uma construção sistemática, confrontada constantemente com a multiplicidade de idéias geradas por quem as compartilha e quem se opõe a elas, do que resulta um conjunto de alternativas que se expressam na pesquisa cientifica a que seguem zonas de sentido sobre a relalidade estudada” (p.59).

A epistomologia qualitativa que Fernando González Rey defende, privilegia especialmente a dimensão subjetiva da investigação. “Propomos a epistomologia qualitativa como forma de forma de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social” (Rey, 2002, p.28).

Ainda para este autor, “a subjetividade é um sistema complexo de sigificações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo do seu desenvolvimento (..) com dois momentos essenciais na constituição da subjetividade individual e social, os quais se pressupóem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento. . A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividade social e, simultaneamente, se constítui nela” (Rey, 2002, p. 36-37).

González Rey (2002) em sua obra Pesquisa Qualitativa, caminhos e desafios, são apresentados os diferentes momentos que têm caracterizado a aplicação da metodologia qualitativa nas Ciências Sociais e, de forma específica, são analisados os antecedentes dessa forma de investigação na Psicologia. Esta obra apresenta a relação de uma proposta metodológica com a epistemologia qualitativa e com o tema da subjetividade.

Seguindo a linha de González Rey, esta pesquisa busca salientar a idéia de que a psicologia deve passar de uma epistemologia da resposta para uma epistemologia da construção, ou que pressupõe substituir o papel tradicional dos

instrumentos por uma aproximação metodológica construtiva. A construção teórica é uma produção humana envolvida de forma permanente com a realidade. O real representa também um momento ativo na construção da pesquisa, de muitas formas, as quais, às vezes, estão além da própria expectativa do pesquisador.

A subjetividade aparece então como um processo plurideterminado, onde a subjetividade social (com representações sociais) e a subjetividade individual (aspectos subjetivos da existência, da história e do momento de vida, etc.) concorrem na formação de um todo configuracional, onde o sentido subjetivo é construído. O termo "configuracional, vem sendo utilizado para definir:

> "as unidades constitutivas da personalidade, por ser um conceito que não se compromete com a natureza fixa e imutável de nenhum processo da experiência humana. Todo conteúdo da experiência aparece subjetivado em configuração, pelas quais adquire sentido subjetivo na sua integração com outros estados dinâmicos" (Rey, 2002, p.39).

4.1. A pesquisa qualitativa sob o ponto de vista de diferentes teóricos

A pesquisa apoiada na Epistemologia Qualitativa tem entre seus objetivos essenciais a produção de modelos teóricos complexos e dinâmicos capazes de gerar inteligibilidade sobre os complexos processos da subjetividade humana, os que são inacessíveis as metodologias tradicionais.

Com relação ao desenvolvimento histórico da pesquisa qualitativa, Denzin e Lincoln (1994) reconhecem cinco períodos essenciais:

Período tradicional: influenciado pelo paradigma científico positivista, por sua busca da objetividade, da validade e da confiabilidade do conhecimento obtido. Esse período é identificado com personalidades como MEAD, Malinowski, Radcliffe-Brown e outros.

- Período modernista: vai dede aos anos do pós-guerra até a década de 70 e, segundo os autores, ainda hoje se observa sua influência em algumas pesquisas. Muitos desses trabalhos tentam formalizar os métodos qualitativos. Entre os autores relacionados a esse período estão Bogdan e Taylor, Cicourel, Glasser e Strauss e Becker.

Bogdan & Taylor (1975) situam o surgimento da pesquisa qualitativa no final do século XIX e início do século XX, na Europa, obtendo mais sucesso entre antropólogos do que entre sociólogos. Os antropólogos sentiam grande dificuldade em aplicar os métodos positivistas[11] ao estudo dos povos primitivos e viram com bons olhos a possibilidade de estudos mais descritivos e extensos. Entre os sociólogos americanos da Escola de Chicago[12] os métodos qualitativos tornam-se populares entre 1910 e 1940, aproximadamente, fazendo uso de registros e documentos pessoais e de observações participantes. A década de 50 acusa uma ligeira decadência da pesquisa qualitativa, acusada pelos positivistas, então em evidência, de "metodologia fora-de-padrão" (Bogdan & Taylor, 1975).

- Período da indiferenciação de gêneros: localiza-se entre os anos 1970 e 1986. Os pesquisadores procuram uma complementação mútua de paradigmas, métodos e estratégias para aplicar em suas pesquisas. Nesse período ocorre uma confusão de genêros que leva à elilinação da distinção clara entre literatura e ciência social.

- Período de crises de representação: a partir da década de 80 prodez-se uma profunda ruptura, que Denzin e Lincoln identificam com a difusão de um conjunto de trabalhos como La antropología de la experiência (Turner e Bruner) e outros.

- Nesse período se fizeram mais comuns as teorias interpretativas em oposição às grounded theories[13], e foram mais discutidos os conceitos de confiabilidade, validade e objetividade.

Foi na área das ciências sociais, no século XIX, que primeiro se questionou a adequação do modelo vigente de ciência aos propósitos de estudar o

[11] Análises demográficas e questionários tipo "survey".

[12] Dois sociólogos de destaque desta época foram: W.I. Thomas e Florian Znaniecki

[13] A expressão grounded theory tem sido traduzida de diferentes formas no espanhol.O termo tem aparecido como teoria fundamental (Rodríguez Gómez, Gil Flores e García Jiménez, 1996).

ser humano, sua cultura, sua vida social. Bogdan & Taylor (1975) afirmam que, desde então, há duas perspectivas teóricas predominando neste cenário: as positivistas e as fenomenológicas. A diferença fundamental entre ambas é que, enquanto a primeira busca fatos ou causas dos fenômenos sociais devotando pouca consideração pelos estados subjetivos individuais, a segunda busca examinar o mundo como é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que cada pessoa ou pequeno grupo de pessoas pensam ser a realidade.

No contexto brasileiro, Luna (1988) tenta demonstrar que não há conflito entre tendências metodológicas positivistas e não-positivistas alegando que qualquer tendência atende aos mesmos quesitos: a) existência de uma pergunta que se quer responder; b) elaboração de passos que permitam respondê-la e c) indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida. Continuando sua análise, afirma que é comum, em diferentes tendências metodológicas, a escolha da técnica de pesquisa somente após uma clara delimitação do problema a ser investigado.

Franco (1988) vincula o conhecimento e a pesquisa à prática social global do pesquisador destacando que não pode haver neutralidade ou objetividade total no estudo da realidade. O pesquisador participa da vida social e, por isso, é impossível olhá-la "de fora". Chizzotti (1991, p.80) defende a adoção de métodos qualitativos visto que "(...) os métodos quantitativos acabam distanciando o pesquisador do verdadeiro objeto da investigação e se tornam ineficazes para compreender as ações práticas dos sujeitos, em sua vida prática". Podemos observar, com base nestas afirmações, que há mudanças visíveis na forma do homem encarar sua vida no universo.

Martins & Bicudo (1989) utilizam a análise qualitativa buscando não os fatos em si, mas os significados desses fatos para os sujeitos:

> "A preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado. As descrições e os agrupamentos dos fenômenos estão diretamente

> baseados nas descrições dos sujeitos, e os dados são tratados como manifestações dos fenômenos estudados" (1989:30).

Considerando o objetivo deste estudo. O trabalho se constituiu em duas fases complementares: um momento teórico e um empírico. O momento empírico se caracteriza pela abordagem da Epistomologia Qualitativa, desenvolvida por Fernando González Rey (1997).

4.2- Construção do sentido e pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa que assume os princípios da Epistemologia Qualitativa se carateriza pelo seu caracter construtivo-interpretativo, dialógico e pela sua atenção ao estudo de casos singulares. O processo de construção teórica das configurações e processos subjetivos presentes na educação, tanto ao nível social , como individual, tem que ser desenvolvidos dentro da própria processualidade da constituição subjetiva do sujeito, e dos processos sociais dentro dos quais sua experiência tem lugar.

> “Por um lado, as reduções e cortes de objetos de estudo implicam em unidades de análise cada vez mais atomizadas, isoladas de seu processo subjetivo e relacionadas entre si por procedimentos como a estatística, em geral pouco coerente com os processos de significação e sentido da subjetividade humana” (Gonzalez Rey, 1997).

Segundo Gonzalez Rey (1997), não se esgota em nenhum outro sistema subjetivo, embora interaja com eles, nem tampouco estabelece relações isomórficas com os mesmos ou com quaisquer comportamentos observáveis. González Rey ainda propõe que o investigador e suas relações com o assunto pesquisado ocupem o lugar de protagonistas do processo de investigação, em detrimento da informação produzida por instrumentos, como preconiza a visão mais tradicional.

Desse modo torna-se assegurado, dentro das possibilidades da abordagem qualitativa, o respeito ao pesquisado, no caso do presente estudo o paciente. Pois o que é valorizado para a construção do conhecimento na pesquisa

qulitativa, são os “[...] sentidos subjetivos e processos de significação que conduz à definição de unidades complexas[...]” (Rey, 2002, p.48).

É também uma característica significativa no processo de produção de conhecimento, no momento empírico da pesquisa o”caráter interativo”, que torna uma condição ao desenvolvimento do estudo de fenômenos humanos, as relações pesquisador-pesquisado. Em que “o caráter interativo do conhecimento leva a reinvindicar a importância do contexto e das relações entre os sujeitos que intervêm na pesquisa (a do pesquisador e do pesquisado, por exemplo), como momentos essenciais para a qualidade do conhecimento produzido” (Rey, 2002, p. 34-35).

5- CONSTRUÇÃO E DISCUSSÃO DA INFORMAÇÃO

5.1- Estudo De Caso

O estudo de caso, permite a investigação de um fenômeno contemporâneo da vida real do indivíduo, como também esclarece sobre as interferências das características individuais e do contexto sócio-familiar nos acontecimentos da vida da paciente em particular, e ainda possibilita que seja realizada uma investigação das múltiplas origens de evidências. Soma-se a isso, a possibilidade de articulação da teoria com os dados obtidos durante a realização do estudo, ampliando assim, a análise de novos elementos, uma vez que o conhecimento não é algo acabado, mas sim algo que se constrói a cada instante em nossas vidas.

I) SUJEITO

Paciente com doença crônica: neoplasia mamária maligna, em contexto de internação para tratamento quimioterápico.

II) INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento de pesquisa, a interpretação e análise dos relatos obtidos nas sessões de entrevistas abertas e não dirigidas. Foram observados aspectos tais como:

- Identificação da paciente;
- Levantamento sobre a história de vida da paciente, fatos importantes e significativos trazidos livremente por ela, e ainda fatos com conteúdos emocionais e subjetivos anteriores ao surgimento da doença;

- Levantamento sobre o câncer de mama e relação com o mesmo;
- Levantamento sobre a mastectomia como tratamento e as implicações psicológicas e emocionais envolvidas nesse processo.

O primeiro ítem visou fornecer alguns dados sobre o histórico da paciente estudada. Tais dados auxiliaram na análise do caso e também preservaram a identidade da paciente, com o intuito de não comprometê-la.

O segundo ítem visou conhecer um pouco a história de vida da paciente, fatos significativos e com carga afetiva e emocional, trazidos pela paciente;

O terceiro ítem visou perceber o envolvimento da paciente com sua doença e tratamento, além de possibilitar analisar os aspectos psicológicos envolvidos nessa fase.

O quarto item visou acompanhar o processo clínico e evolutivo da paciente, bem como os aspectos psicológicos frente a um tratamento considerado mutilador, como é o caso da mastectomia, mas que por outro lado, traz a chance de cura ou controle da doença;

As formulações deste roteiro tiveram o propósito de oferecer à pesquisadora o maior número de dados referentes ao tema estudado, possibilitando à paciente a chance de expressar-se e acrescentar às questões propostas, dados que considerou relevantes.

III) AMBIENTE

O procedimento foi realizado enfermaria do Hospital Universitário de Brasília (HUB), em três sessões, com duração de uma hora .

REFERENTE À ANALISE DOS DADOS

As interpretações foram realizadas a partir dos relatos feitos pela paciente com conteúdos trazidos livremente.

Ao definir abordar o tema das influências psicológicas da subjetividade e emoçionalidade no processo do adoecimento, considerou-se necessário realizar primordialmente um trabalho de escuta, fundamental na compreensão da repercussão das contingências sociais e vivências pessoais diante do câncer de mama.

A análise interpretativa das sessões permitiu então avaliar o conteúdo consciente manifesto e expresso, e ao mesmo tempo os conteúdos inconscientes a partir dos quais a paciente elaborou seus relatos.

Da mesma maneira também a subjetividade da pesquisadora permeou esta análise. As interpretações visaram esclarecer aspectos obscuros ou incertos, eventualmente, introduzindo questões que pudessem expandir a compreensão da paciente em relação à sua doença.

Após a transcrição das sessões foi realizada análise particularizada utilizando-se postura clínica. Assim, a pesquisadora deteve seu olhar sobre o dado bruto das sessões, para sobre eles refletir, conjecturar, em processo de investigação interpretativa.

Neste caso estudado, em específico, foi possível observar várias situações consideradas estressantes e emocionalmente carregadas de afeto, e que ainda trazem emoção ao falar nelas, e há que se considerar o fator genético, pois houve dois casos de câncer em sua ascendência, mas, embora não seja conclusivo, há indicações de que a emocionalidade e a subjetividade da paciente pode ter influenciado o processo do adoecer.

IV) APRESENTAÇÃO DE CASO CLÍNICO

Breve histórico da paciente

NOME : H. S. T

IDADE : 46 anos

SEXO : feminino

COR : branca

NATURALIDADE : brasileira

PROFISSÃO : dona de casa

RELIGIÃO : católica

ESTADO CIVIL : casada

GENEALOGIA : dois filhos, sendo um falecido

A paciente foi mastectomizada em novembro/2003, ainda está em tratamento quimioterápico em regime de uma internação a cada mês, por três dias para medicação, em enfermaria. Não recebeu realizou atendimento psicológico pré-cirúrgico nem pós-cirurgia. Esclarecida, bem orientada, nível sócio econômico classe média, aparenta um bom conhecimento cultural. Demonstra conduta ansiosa, dificuldade em estabelecer contato com suas emoções, angústia, depressão, boa auto-percepção e auto-expressão .

V) DISCUSSÃO

O câncer de mama é uma das causas de morte mais freqüentes entre mulheres. A paciente, primeiramente, realiza uma avaliação inicial para obter a confirmação do diagnóstico, informações sobre o estadiamento do tumor e a seleção do tratamento a que será submetida. Dentre os tratamentos, destacam-se os métodos tradicionais como quimioterapia e radioterapia. Em muitos casos recomenda-se a cirurgia, que pode extrair parte da mama ou até a mama inteira. Atualmente, através de implantes, a reconstrução da mama torna-se possível melhorando o processo de reabilitação.

A mama é o órgão símbolo da feminilidade, sexualidade e amamentação. O câncer de mama pode trazer à paciente, preocupações com a sobrevivência e mutilação, e também implicações ao cônjuge. Estudos sugerem que pacientes

vítimas do câncer, podem ter vivido uma grande perda antes do aparecimento da doença.

Os processo de adoecer e de enfrentamento da doença são únicos. Cada indivíduo vai construir a sua experiência de adoecer e vai enfrentar esse processo de acordo com os seus recursos internos. Diante do que pudemos apreender do sujeito HST nas entrevistas realizadas, discutiremos algumas questões que fizeram parte desse processo de adoecimento e enfrentamento.

No primeiro momento HST demonstrou bastante receptividade à proposição do trabalho e durante as entrevistas se apresentou com boa vontade para falar de si, sendo que posteriormente, apresentou resistências e dificuldades de contato com seus sentimentos e emoções. Pareceu ter bastante fluência verbal e estar disposta a expor sua história.

De acordo com seu discurso, pode-se dizer que ela é uma pessoa racional, intelectualizada e esclarecida sobre sua situação ginecológica, uma vez que demonstrou cuidado consigo mesma no sentido de prevenção de doenças, mediante o relato de seu histórico de visitas de rotina ao ginecologista no intuito de, segundo ela, detectar alguma eventual anomalia ainda em seus primórdios, o que é fundamental para o sucesso do tratamento e restabelecimento da saúde. Com isso, demonstrou claramente estar concernente com o cuidado com sua saúde, principalmente devido ao seu histórico familiar de casos de câncer, tendo ocorrido com sua mãe e avô.

“Eu sempre tive preocupação de me descobri. Se eu tivesse alguma coisa, descobriria antes, porque minha família teve um processo de doença em que não teve jeito, porque descobriu muito tarde (...) Eu acho que a minha vantagem foi ser cuidadosa comigo, ter capricho e carinho comigo.

O impacto do diagnóstico traz a quebra no ritmo de vida, medos que podem estar ligados à conseqüência da doença, tanto ao nível imaginário como real, e a confrontação com a própria morte. H.S.T. revelou que ao receber a

notícia de que estava com câncer foi um choque, e segundo Simolton (1987), isso ocorre porque há um estigma de morte e sofrimento que acompanha a cognição social sobre esta doença e expectativas negativas influenciam muito.

"...Me assustou o medo de morrer. Me assustou a possibilidade do medo e a possibilidade de morrer. Porque um ano antes eu fiz 45 anos. E quando eu fiz 45 anos eu pensei: "Cheguei na metade da minha vida. Faltam só 50 daqui para frente." E de repente, eu descobri que eu podia ter meses ou dias".

A mama é para a mulher um importante símbolo visível de sua feminilidade, sexualidade, atração e maternidade. Quando esta mama, símbolo concreto, tremendamente carregado de narcisismo é danificado, a auto-imagem pode deteriorar-se, sentindo-se a paciente mutilada e sujeita a rejeição: quanto maior a importância que a mulher confere as suas mamas como fonte de investimento afetivo, tanto é maior o sentimento de perda após a cirurgia.

Quanto ao aspecto da sexualidade, H.S.T. mencionou ter-se mantido ativa. Ainda em relação à sexualidade e à imagem corporal, as falas referentes a essa categoria diziam respeito às dificuldades encontradas em lidar com o próprio corpo no período pós-mastectomia. O primeiro contato que ela estabeleceu com seu corpo foi através do espelho. O fato de observar o corpo em que uma das mamas não está mais presente provocou um sentimento de estranheza e muito sofrimento. Ela revelou que, no início, quando trocava de roupa, sempre ficava de costas para o espelho, porque não suportava ver seu corpo e ainda revelou que não conseguia tocar-se de forma alguma: " Um lado tem peito o outro não tem. Não dá para se olhar no espelho, endende? Eu tomava banho sem me olhar muito no espelho, a imagem assusta mesmo, estou deficiente!! E ainda já pensava na perda do cabelo na quimioterapia. " Essas fala sugerem insatisfação e dificuldade de aceitação da perda da mama, gerando sentimentos de auto-depreciação. E ainda comentou que só consegue ter relações sexuais com blusa, ou seja, a vestimenta desempenha importante papel, pois procura ocultar a cicatriz e o vazio pela ausência da mama. Prosseguiu dizendo que combinou com o marido que ele não a tocaria nesse local, e ele concordou com isso, disse sentir um misto de

vergonha e medo de ser rejeitada pelo marido, devido ao aspecto visual da mama e que se sentia insegura em relação à estabilidade de seu casamento, pois achava que o marido poderia acabar desistindo dela e procurar outra pessoa “perfeita”.

A literatura demonstra que a experiência de lidar com situações que envolvem ameaças à integridade, em função da perda de importantes segmentos corporais, representa na maior parte das vezes, uma pesada sobrecarga, trazendo consigo, a dificuldade do paciente para trabalhar com suas aflições projetando no outro seus medos e suas dificuldades diversas. Não se pode afirmar que a sexualidade de H.S.T. tenha sido diretamente afetada, pois não houve maior aprofundamento em sua abordagem do tema, mas como sua auto-imagem ficou alterada pela presença da cicatriz em seu corpo, fato que a incomoda significativamente a ponto de desejar realizar cirurgia plástica para repará-la, este fator pode ter afetado sua auto-estima, e indiretamente sua sexualidade, uma vez que esta é bastante ampla, se encarada em seu sentido lato. Sobre essa temática, a mastectomia, Bartilotti (1997) comenta que "esta modalidade terapêutica, não deixa de ser considerada um sofrimento psíquico para grande parte dos pacientes. Isto porque, na vivência da mulher, a mama tem acentuada importância para sua imagem corporal e sua identidade feminina, para sua atração e sexualidade (como órgão do contato) e para seu papel como mãe nutriz (...) independentemente da idade".

Quando questionada sobre eventos estressantes e emocionalmente significativos ocorridos algum tempo anterior ao aparecimento do tumor, ela contou que há três anos seu filho mais velho morrera num acidente automobilístico. Ele e um amigo viajaram para São Paulo, e na volta , não se sabe qual dos dois estava dirigindo, mas segundo um motorista de caminhão que presenciou o acidente, o motorista dormira no volante, e ela acredita ter sido o outro rapaz, M.G.V., filho de um casal amigo. Disse: “ Na verdade, eu não tenho como provar o que vou dizer, porque quando a perícia chegou um caminhoneiro já tinha retirado eles do carro e não foi anunciado quem estava dirigindo, mas dentro

de mim eu tenho certeza que foi M.G.V., o filho de minha amiga e que também faleceu no acidente e que foi o responsável de tudo ter acontecido". Ao ser questionada se ela já tinha falado isso com alguém, ela disse que não havia falado nem mesmo com o marido, pois ele, apesar de tudo, continuara amigo do pai do rapaz. Ela disse, então:" Depois da missa de trinta dias de falecimento, eu nunca mais falei com S.D.V., mãe de M.G.V. justamente por isso. Na verdade eu me arrependo muito de ter deixado meu filho ir nessa viagem, porque ele nem conhecia direito os noivos, ele foi mais para fazer companhia para M.G.V.".

Segundo Ballone, (2002), há muito vem-se estudando elementos emocionais que acompanham e/ou antecedem o aparecimento das neoplasias e, segundo Amussart (1854), citado por Melo Filho, "a influência do luto parece ser a causa mais comum do câncer" e de acordo com Denise Ramos (1994), em relação ao câncer: " Uma forma particularmente insidiosa ocorre quando os indivíduos experimentam um evento traumático e são incapazes de compartilhá-lo com outros." E cita mais à frente: "O luto por um ente querido, como também uma separação amorosa, têm sido associados com freqüência ao surgimento de tumores malignos. Doenças auto-imunes usualmente tornam-se aparentes depois que a pessoa sofreu um forte estresse psicológico que mudou totalmente seu estilo de vida (Solomon, 1990). E continua: "... a não-expressividade de uma emoção negativa, forte, vinda de um luto, perda amorosa ou situação traumática, é um fator que predispõe a uma alteração do funcionamento do sistema imunológico, tornando o organismo mais vulnerável à formação de tumores malignos."

Pode haver uma relação temporal entre o início da neoplasia , ou da recidiva e um fato emocionalmente significativo. Não podemos afirmar, porém, que uma perda importante cause necessariamente o câncer. Diversas pessoas sofrem perdas bastante dolorosas e não desenvolvem neoplasias.

O que se pode afirmar é que uma perda importante que não tenha sido ressignificada pode favorecer o aparecimento de doenças, dentre elas o câncer.

Ressignificar uma perda é metabolizá-la psiquicamente, aceitá-la e transpor o fato criando outros significados para ele.

Outro aspecto relevante é que, mesmo diante dessa situação adversa, H.S.T.adaptou-se à realidade da doença não assumindo o papel de vítima. Ao contrário, evitou ao máximo divulgar a notícia com intuito de não preocupar em demasia as pessoas e manter privacidade. Existiram dois momentos na entrevista que expressa claramente sua preocupação e privacidade. São eles: “Também, eu tenho assim, a questão da privacidade, privacidade para mim é uma coisa muito importante” (...)

Outro aspecto relevante é que, mesmo diante dessa situação adversa, H.S.T.há indícios de que ela adaptou-se à realidade da doença não assumindo o papel de vítima. Ao contrário, evitou ao máximo divulgar a notícia com intuito de não preocupar em demasia as pessoas, não ser socialmente estigmatizada e ainda manter privacidade. Existiram dois momentos na entrevista que expressa claramente sua preocupação e privacidade. São eles: “Também, eu tenho assim, a questão da privacidade, privacidade para mim é uma coisa muito importante” (...) “Agora, eu não contei para todo mundo. Por exemplo, tem uma vizinha minha que a mãe tem um problema seriíssimo de saúde, a avó morreu de câncer de boca. Eu não contei para ela por cuidado, porque não sabia como seria para ela ter acabado de perder a avó e estar comigo ali, assim. Eu achava que eu podia estar atrapalhando de alguma forma. Então, não me senti à vontade de contar para ela”.

Além da influência da personalidade, história de vida e experiências que habilitam recursos internos, aspectos como estrutura familiar e a manutenção de relacionamentos e atividades sociais são pontos importantes para o enfrentamento positivo da doença. H.S.T. relata: “Eu acho que eu levei relativamente bem também, por conta do F.D., meu marido, porque ele me carregou no colo. Sabe aquela estória de Jesus, das pegadas na areia, que naquele momento mais difícil da vida da pessoa só tinha uma pegada na areia e aí Jesus diz que ele estava carregando no colo? Então, teve muito isso, subjetivamente e também objetivamente do F.D. e das outras pessoas que

estavam comigo. Eu ainda não acabei o tratamento, mas tenho fé que tudo vai ficar sobre controle e que vou superar tudo isso, porque sei que muitas pessoas conseguem ultrapassar essa doença tão terrível. É como se fosse uma provação, entende."

Fica em aberto, não sendo de caráter conclusivo esta pesquisa no sentido de que não foi possível trabalhar mais os posicionamentos e sentimentos de H.S.T. em relação à sua emocionalidade e a relação disso com o processo de adoecimento, salientando-se, no entanto, que há indicação de que ela tenha influenciado, ainda que indiretamente, via subjetividade, auto- imagem e auto-estima.

Segundo Leshan (1992), a partir de 1955, estudos concluíram que a história emocional do indivíduo influi tanto na resistência para se contrair o câncer quanto em sua evolução depois do surgimento. Essas propostas abordam o câncer com uma visão holística de ser humano, em que o indivíduo não só é afetado em seu físico, mas também em sua mente e suas emoções. O paciente tem sua identidade comprometida com a descoberta da doença. Qualidades, papéis e funções antes vivenciados se perdem com a nova identidade de paciente canceroso, e esta passa a ser a principal característica da vida da pessoa (Simonton, 1987).

Segundo Simonton (1987), pesquisas apontam que níveis elevados de estresse emocional aumentam a suscetibilidade à doenças e em estado crônico o estresse pode provocar supressão do sistema imunológico, o que gera essa vulnerabilidade especialmente ao câncer. Além de situações negativas (morte do cônjuge, divórcio, demissão de trabalho) situações consideradas positivas também são causadoras de estresse (gravidez, sucesso pessoal extraordinário, férias) por se tratarem de experiências que implicam mudanças de hábitos, do modo de estabelecer relações e na auto- imagem exigindo do indivíduo grande capacidade de adaptação à mudança.

5.2 – Conclusão do estudo de caso

Este trabalho definiu-se pelo movimento próprio que adquiriu ao longo de suas folhas. Em cada linha há vida. Plena de emoção e tão frágil como todas. Procurou-se dizer em palavras tudo aquilo que foi sentido e tocado durante alguns atendimentos psicológicos com os quais tentou-se escutar os silêncios, captar o sentido das confusões que fizeram parte do contexto e acima de tudo presenciar o pulsar da vida.

Sentimentos como ansiedade, tristeza, desespero e desesperança participam da vida humana. Para uns a passagem por eles é breve e para outros é longa parecendo nunca terminar. Assim verifica-se a maravilha do mundo : a singularidade dos seres, cada qual com sua essência. Alguns acontecimentos parecem sinalizar a chegada do câncer, Leshan (1956) encontrou em seus pacientes : perda de uma relação significativa antes do inicio da doença, incapacidade de expressar sentimentos hostis, importante tensão em relação a uma figura parental, sentimentos de desamparo e desesperança. Falou-se neste trabalho sobre uma paciente mastectomizada, cujas emoções sugerem que participaram de forma significativa do quadro de sua doença. O que foi observado mostrou a importância de se estabelecer um vínculo duradouro com a paciente respeitando seus estados, suas posições, seus mecanismos, sua presença.

Poucas doenças demonstram ser tão dependentes de uma etiologia multifatorial como o câncer. E no caso de H.S.T., não se pode deixar de mencionar o fator genético em potencial. Daí ser um reducionismo considerar que a história de um tumor, que se segue a uma situação de perda ou estresse, se esgote em uma ou outra dessas situações. "*Há muito mais verdades entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia",* já dizia Shakespeare através das palavras de Hamlet. No caso do câncer, estas verdades parecem incluir uma série de fatores, os quais revelam que somos seres que precisam ser compreendidos como um todo:, físico, sócio, cultural, emocional, espiritual...Segundo González Rey, 2003, “Se considerarmos as emoções em sua condição subjetiva, sem dúvida necessitamos explicar como o interno e o externo se articulam de uma

forma tal que permita sua aparição. Portanto temos que procurar explicar qual é a condição interna do sistema subjetivo que se faz sensível ao registro emocional dos eventos culturais e pessoais, pois a sua própria reflexões são fonte de produção emocional.”

Assim, procurou-se olhar para a paciente, bem como fazê-la olhar para si mesmo. É uma troca em que ambos aprendem, terapeutas e pacientes.

6- CONCLUSÕES GERAIS

O exercício de olhar a realidade e tentar compreendê-la é, sem dúvida, um exercício que exige do pesquisador muito cuidado, sobretudo na hora de fazer inferências sobre o que foi observado e constatado, bem como de apontar os alcances e os limites que essas constatações engendram. Como primeiro passo é mister reavaliar até que ponto as propostas deste trabalho foram concretizadas. Toda a discussão precedente prestou-se a uma finalidade que, longe de pretender chegar a uma verdade inquebrantável, tinha pretensões modestas de possibilitar um estudo sobre a abordagem psicossomática, pesquisando as experiências emocionais relevantes associadas as doenças e os efeitos da subjetividade e da emocionalidade no processo de adoecimento. caracterizando o papel das emoções no distúrbio das doenças e relacionando a psicossomática e subjetividade.

Em relação ao caso estudado, se percebe que, mesmo que haja elementos genéticos, estes se combinam com sofrimento e emoções de ordem multifatorial, que se interagem e inter-relacionam a outros elementos subjetivos e sócioculturais.

Foi possível chegar à conclusão de que o desenvolvimento da psicologia exige uma teoria geral mais ampla, que seja capaz de articular os conhecimentos produzidos em seus distintos ramos. Uma teoria geral sobre a subjetividade e sobre a influência da psique na constituição da doença, como o câncer por exemplo, representa um compromisso com o conhecimento produzido nas diferentes esferas da psicologia.

O ser humano é um todo – fisiologia e psicologia são manifestações de uma mesma totalidade. Assim como as funções fisiológicas estão integradas, também as psicológicas interagem, desenvolvendo funções psineurológicas superiores que ampliam a capacidade humana. Sintetizando, ele é produto de um longo processo histórico, no qual as mediações das emoções, da linguagem, do

pensamento e dos grupos sociais constituem a subjetividade: conciência, atividade, afetividade e identidade.

7- REFERÊNCIAS

ALEXANDER, F. Medicina Psicossomática: princípios e aplicações. Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.

BARTILOTTI, M. R. M. B. *Psicologia e Ginecologia.* Apostila de aula ministrada durante o curso de especialização em psicologia hospitalar do Hospital Brigadeiro, São Paulo, 2000.

BERLINCK, Manuel Tosta. Tempos do Édipo, In: Tempo do Desejo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.

BIRMAN, J. O sujeito na diferença e o poder impossível, In: Revista de psicanálise do Rio de Janeiro.

CAMERON-BLANDE, Leslie & LEBEAU, Michael.Refém Emocional: resgate sua vida afetiva.São Paulo, Editora Summus, 1993, 2ª edição.

CAVALCANTI, M.C. Interação leitor – texto. Campinas: UNICAMP. 1988. 271p.

DAVIDOFF, L. L. (1993). Introdução à Psicologia. São Paulo: Mc Graw – Hill

EKSTERMAN, A .Psicossomática: o diálogo entre a Psicanálise e a Medicina. In: MELLO F°, J. Psicossomática Hoje. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992, cap. 08

FERNANDES, H. r. (org). Tempo do desejo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Edição Standart das Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1969.

FONSECA, V. Contributo para o Estudo da Génese da Psicomotricidade. Lisboa: Editorial Notícias.1988.

GRAEFF. G. F. & BRANDÃO M. L., 1993. Neurologia das doenças mentais. São Paulo,Lemos.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 1995, 21ª edição.

GOMES, "Aprendizagem Afetiva" in Rodrigues, C., Teixeira, S. M. e Gomes M. F. Afetividade. Porto, 1989.

GOODMAN, K.S.. Reading, writing, and written texts: a transactional sociopsycholinguistic view. In: Ruddell, R. B., Ruddell, M. R., Singer, H. (Editors).

GIORA, Regina Célia. Arqueologia das emoções/Regina Célia Giora, Fernando Gonzalez Rey, Ana Maria Lewnzoni; Silvia T. Maurer Lane e Yara Araújo (orgs.);prefácio de Pedrinho Guareschi.-Petrópolis, RJ: VOZES, 1999.

HAYNAL, A PASINI, W. Manual de Medicina Psicossomática. São Paulo. Ed. Masson, 1993.

INNECCO, Neide & CAFÉ, Sonia, Livro das atitudes. São Paulo, Editora Pensamento, 1993.

JAPIASSU, H. Interdisciplinariedade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.

KENDLER, H.Introdução à Psicologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1968.

KEHL, Maria Rita. A razão depois da queda (utopias e psicanálise), In: Tempo do Desejo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.

KRAMER, Sônia. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. Tese de doutorado, PUC/RJ, maio de 1992 (mimeo).

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação - o mestre do impossível. São Paulo, Ed. Scipione, 1989.

LeSHAN, Lawrence. *O câncer como ponto de mutação*. 3ª edição, São Paulo, Summus, 1992.

LEMOS, Paulo.Educação afetiva: porquê as pessoas sofrem no amor. São Paulo, Editora Lemos Editorial, 1994, 6ª edição

_____ Nascimento e morte das ciências humanas. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 2° ed , 1982.

_____ Psicanálise: Ciência ou Contraciência? Rio de Janeiro. Imago Ed., 1989.

MARIA, Cristina. Psicologia científica geral. Rio de Janeiro: Editora Agir, 7. edição. 1972.

MURRAY, Edward.Motivação e emoção. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2ª edição. 1971

MELLO F° J. Introdução. In : Psicossomática Hoje. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

MEZER, R. R., 1977. Psiquiatria dinâmica. Porto Alegre, Editora Globo.

MILLOT, Catherine. Freud Antipedagago. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

Morin, E. (1983). O Problema Epistemológico da Complexidade. Men-Martins: Europa-América.

Morin, E. (1996). Ciência com Consciência. (M. Alexandre e M. Sampaio, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil. (Trabalho original publicado em !990).

Morin, E. (1998). O Método - As Idéias. Vol IV (J. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina. (Trabalho original publicado em 1991).

PERESTRELLO, D. Trabalhos Escolhidos: Psicologia Médica, Psicossomática, Psicanálise. Rio de Janeiro, São Paulo, Livraria Atheneu, 1987.

PERESTRELLO, D. A Medicina da Pessoa. Rio de Janeiro/ São Paulo. Livraria Atheneu Editora, 1989, 4 ed.

PISANI, E e outros. Psicologia Geral. Porto Alegre. Vozes, 1987 SILVA, M.A .O . Quem ama não adoece. São Paulo, Best Seller,, 1994

RAMOS, DENISE GIMENEZ - A Psique do Corpo : uma compreensão simbólica da doença – São Paulo: Summus, 1994

REY, Fernando González; tradução Raquel Souza lobo Guzzo; revisão técnica de autor--Sujeito e Subjetividade. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2003

SANTOS, B. (1989). Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna. São Paulo: Graal.

SANTOS, B. (1987). Um Discurso Sobre as Ciências. Porto: Afrontamento.

SIMONTON, O. Carl, SIMONTON, S. Matthews, CREIGHTON, JAMES L.. *Com a vida de novo*. 6ª edição

SPRINTHALL, N. A. e Sprinthall R. C. (1993). Psicologia Educacional. Lisboa: Mc. Graw -Hill.

VYGOTSKY “Significado Histórico da Crise da Psicologia”de 1927 e “Psicologia da Arte” de 1925.

WALLON, Henri. As origens do caráter na criança.São Paulo. Difel, 1971, 1ª edição.